

ERA UMA VEZ
UM INSTITUTO FEDERAL DE FORMAÇÃO HUMANA E
PROFISSIONAL NO SERTÃO PERNAMBUCANO...
QUAL O PAPEL DA LITERATURA NESSA HISTÓRIA?

Hosana Maria Nogueira Leite; Talita de Souza Massena; Orientadora Rosane Vieira

Instituto Federal do Sertão Pernambucano – Campus Petrolina -<https://mail.ifsertao-pe.edu.br/>

Resumo

O artigo traz uma visão geral dos cursos do Instituto Federal *campus* Petrolina que tem como base norteadora a formação integrada do aluno. Nesse ínterim, o artigo busca compreender, qual a dimensão pedagógica do ensino da Literatura e consequentemente do incentivo à competência leitora num espaço de currículo tão diversificado. Na prática, há ainda uma inconstância nesta ambivalência entre a formação geral e tecnicista que não se aliaram ainda em prol da formação integral do indivíduo, mas ao contrário, os embates ideológicos e o status na ordem de importância social sobreviveram às transformações que tem passado a Educação Tecnológica. O artigo questiona, qual o espaço do texto Literário e consequentemente da leitura nessa Seara. O artigo procura ainda, descrever, discutir o novo leitor, bem como trazer reflexões acerca de práticas docentes que possibilitem e incentivem a existência do leitor de multimídias nesse espaço de tradição curricular polivalente.

Palavras-chaves – Literatura. Leitura. Formação humana. Formação profissional.

1 Introdução

Pressupõe-se que a aderência dos Institutos Federais ao programa do livro didático é mais um link da educação com a lógica de mercado que impõe padrões e interferem diretamente nas ementas curriculares. Essa proposição se baseia em duas concepções: Gaudêncio Frigotto (2010) em seu artigo intitulado “A relação da educação profissional e tecnológica com a universalização da educação básica” diz que o surgimento do projeto de educação profissional e tecnológica que persegue a ideia de um cidadão produtivo, submisso e adaptado às necessidades do capital e do mercado e

William Cereja (2009), numa visão mais pedagógica no artigo “Uma Proposta Dialógica de Ensino de Literatura no Ensino Médio” atribui em parte, a ineficiência do ensino do texto literário à influência dos manuais didáticos com seu conteúdo unificado pelos exames de vestibulares que torna o ensino da Literatura em uma concepção conteudista e enciclopédica. Considerando a ideia de Frigotto, de uma educação que atende os anseios do mercado e a de Cereja que fala sobre um ensino do texto literário que sofre influências dos manuais didáticos e esses por sua vez, atendem os anseios do mercado. Assim é oportuno saber, qual lugar ocupa a competência leitora num espaço em que toda formação discente na Educação Profissional e Tecnológica converge para uma Educação de formação humana e profissional que atende também as exigências do mercado?

Se ainda há historicamente, uma indefinição acerca do que de fato é Educação de formação Profissional (EPT), então é natural conjecturar acerca da importância dada à formação leitora no meio desse processo: essa é uma discussão existente nos espaços dos Institutos Federais? Há um olhar por parte da prática pedagógica institucional, ementas curriculares que apontem para o acolhimento do novo leitor e suas práticas nas infovias do ciberespaço? Uma vez que a perspectiva das Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, estabelece que a educação escolar, “deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à **prática social**”. (Art.1º § 2º da Lei nº 9.394/96). Convergindo com essa ideia, o Projeto Político do curso de Eletrotécnica (2009) complementa que

“[...] no sentido de adequar os cursos às necessidades da comunidade na qual está inserida, atentando para o papel da escola: formar cidadãos criativos, críticos, participativos, capazes de compreender e interferir no mundo que os cerca”. Projeto Político Pedagógico do If Sertão *campus* Petrolina (p.07)

Dessa forma, entende-se que não há prática social e nem indivíduos capazes de interferir e compreender o mundo que o cerca, sem o uso efetivo das competências leitoras e suas práticas de letramento, seja nas escritas e leituras tradicionais, seja nas práticas de leituras digitais, acrescentando que nesta, Ana Elisa Ribeiro (2009) nos diz

“que não apenas os computadores dão acesso ao mundo digital da informação, mas também as mídias móveis”

O Instituto Federal *Campus* Petrolina - IF SERTÃO-PE oferece cursos nos dois níveis - Educação Básica (cursos de nível médio integrado, subsequente e Proeja) e Superior. Os cursos de nível médio integrado têm o currículo composto por disciplinas propedêuticas História, Geografia, Biologia, Física, Matemática, Língua Portuguesa, Línguas estrangeiras, dentre outras. E as disciplinas de formação profissional, com suas particularidades de acordo com os cursos. O If Sertão está inserido na concepção de multicampi integrante da Rede Federal de Educação, Ciência e Tecnologia. Esse segmento da educação, ainda é pivô de muitos debates porque ainda se encontra em processo de consolidação da sua identidade. Acredita-se que esse modelo, aliado com outras políticas públicas, torne-se uma poderosa ferramenta, na superação da desigualdade social.

Num primeiro momento, o artigo trará reflexões sobre a formação histórica da EPT que contemplaram muitas vezes ideologias políticas que se cruzaram com o desejo de inclusão de parte da população como força trabalhista para o mercado de trabalho e depois o desejo de inclusão desses mesmos indivíduos no universo acadêmico. Assim, a formação integrada, almejada pelas Instituições Profissionalizantes levam à uma bifurcação: a formação humana e profissional. Essa discussão tem aporte teórico no livro “Educação Profissional e Tecnológica no Brasil contemporâneo” organização de Jaqueline Moll e colaboradores (2010). Em um segundo momento o artigo, converge para as reflexões sobre a importância do estudo da Literatura e o desenvolvimento da proficiência leitora, como habilidades indispensáveis a tão sonhada formação integrada, visto que as práticas sociais de um cidadão consciente do seu papel, quer seja social, quer seja profissional são indissociáveis das práticas de letramento.

DESENVOLVIMENTO

A Educação profissional no nível médio foi e continua sendo incompreendida por parte da população. De um lado, o questionamento “aboliconista” que acusa a formação técnica de tirar a liberdade do trabalhador de escolher o caminho acadêmico que o leve a aquisição de saberes científicos relegado às elites e conseqüentemente, o impedimento a uma formação universitária. Do outro lado, dada importância ao desenvolvimento econômico em que se pauta à sociedade brasileira, era necessário a qualificação mínima do trabalhador habilitando-o para o exercício nas demandas trabalhistas. No meio desse embate, buscava-se então um modelo de educação que atendesse a todos os anseios, de compromisso social e competência técnica. Daí surgiu a concepção de uma educação ambivalente, com estrutura dual que integrasse essas duas concepções educacionais notadamente delineadas historicamente por interesses políticos e econômicos antagônicos que disputavam a implementação dos seus ideais políticos no sistema educacional brasileiro: “a formação de carácter propedêutico dirigida à formação das elites e a formação instrumental proporcionada aos filhos das classes populares” (DANTE HENRIQUE MOURA, 2010)

Os primeiros passos que levaram a concepção de uma educação com formação tecnicista que segundo Dante Henrique Moura (2010) remota à fase colonial do Brasil, passando pela fase Imperial, I República. Não eram iniciativas sistematizadas com carácter profissionalizante, não havendo preocupações com a classe trabalhadora, em geral, escravos e índios. O carácter profissionalizante data de “1809 com a promulgação de um decreto do Príncipe Regente, criando o Colégio de Fábricas” (DANTE HENRIQUE MOURA, 2010). A partir daí passou para uma fase assistencialista de atendimento “a menores abandonados e órfãos”. O século XX mudou essa concepção assistencialista para o preparo de operários para o exercício profissional. Nesse contexto, a educação brasileira estruturava-se notadamente dual, confirmando mais uma vez o domínio dos conteúdos gerais, das Letras, das Ciências e das Humanidades como únicos conhecimentos válidos para o acesso ao ensino Superior. Após muitos conflitos de poder em torno da política educacional, a LDB de 1996 definiu para educação profissionalizante, os níveis: básico, técnico e tecnológico. Assim na Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica, o ensino médio integrado vem sendo

implantado desde 2005 . Essa relação entre o ensino médio e a educação profissional de nível técnico, foi admitida nas formas integrada, concomitante e subsequente. A integração deve ir além da concretude das palavras que nas palavras de Marise Ramos(2010) nos diz que

O conceito de integração, entretanto, vai além da forma. Não se trata de somar os currículos e/ou as cargas horárias referentes ao ensino médio e às habilidades profissionais, mas sim de relacionar, internamente à organização curricular e do desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem, conhecimentos gerais e específicos; cultura e trabalho; humanismo e tecnologia.(Idem p. 52)

Os Parâmetros Curriculares da Nacionais (PCN's) passaram a fazer parte do universo profissionalizante, orientando sobre o desenvolvimento das competências e habilidades que promovam vários recursos expressivos das linguagens como por exemplo, o uso das tecnologias na sala de aula, as TIC's. Não apenas usando laboratórios de informática nas escolas com as mesmas práticas tradicionais, “a tecnologia deve servir para enriquecer o ambiente educacional” (MORAN,1995) e isso significa não apenas o uso do computador, mas todas as mídias disponíveis podem contribuir de maneira efetiva na ressignificação e ampliação na concepção do ensino da Literatura nesse espaço.

As mudanças que vêm ocorrendo tendo como *boom* o uso das tecnologias digitais é inegável para o alcance dessas competências porque potencializa a troca, o compartilhamento e a construção colaborativo do conhecimento. Nessa perspectiva José Afonso Furtado (2002) nos lembra que uma sociedade em rápida expansão e de passagem para uma sociedade digital, assume uma especial importância. Nas palavras de Roger Chartier (1998) trata-se de uma “revolução” diferente das anteriormente vividas pela humanidade porque nas revoluções anteriores, as coisas aconteciam num tempo de rupturas e inovações. No contexto atual, assistimos mudanças interligadas: nas técnicas de reprodução do texto, nas práticas de leitura e materialidade do objeto. É

inegável pois, que essas transformações afetem a forma como nos apropriamos dos textos, bem como nossa relação com a escrita e leitura.

Os ambientes hipertextuais por exemplo, oferecem uma interface dinâmica que possibilitam transformar o leitor passivo em um leitor -autor, fazendo da liberdade e da interação um paradigma cuidado com este termo do novo leitor de leitura não lineares, não sequencial, um “leitor imersivo” (LÚCIA SANTAELLA, 2004) Nesse universo, o leitor tem meios em potencial de interação e compartilhamento do conhecimento, o que torna o leitor num desbravador único no ciberespaço. Em cada link é criada uma trilha particular marcada por “nós” interativos de uma trilha que abre sempre novos caminhos na compreensão de textos e textos numa viagem infinita pela leitura, o que torna todo navegador no hipertexto um leitor investigativo, fiador das suas próprias teias na grande Rede.

[...] Um leitor que navega numa tela programando leituras, num universo de signos evanescentes e eternamente disponíveis, contanto que não se perca a rota que leva a eles. Não é mais um leitor contemplativo que segue a sequência de um texto, virando páginas, manuseando volumes, percorrendo com passos lentos, mas um leitor em estado de prontidão, conectando-se entre nós e nexos, num roteiro multilinear, multisequencial e labiríntico[...]
Santaella, Lúcia – 2004

O universo digital portanto, é um excelente aliado das práticas de leitura de uma maneira geral porque vai além das práticas pedagógicas tradicionais. “A cultura das mídias” (LÚCIA SANTAELLA, 2003) por exemplo, é uma cultura do disponível, de acesso, diferentemente da cultura de massas em que se detinha o controle.

O momento explosivo para isso se deu quando o computador se uniu as redes telecomunicacionais o que resultou em algo único na história das mídias tecnológicas. O Cérebro dos computadores, antes fechados em bancos de dados com acesso limitado, deslocaram-se para as periferias, para a

extremidade inferior da hierarquia, para o terminal do usuário, para o recinto do cliente[...] A aliança entre computadores e redes dá ao usuário a oportunidade de criar, distribuir, receber e consumir o material audiovisual em um só equipamento. Santaella, Lúcia - 2003 (p.81)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há muitas possibilidades para o uso das Tecnologias da Informação na perspectiva do ensino e aprendizagem no componente de Língua Portuguesa. A exemplo, a exploração da linguagem virtual que tem a imagem como recurso expressivo que se constituiu num paradigma que ajudou a redefinir o próprio conhecimento. Com o processo de digitalização, acelerou-se a leitura de imagens, que na verdade a imagem não só instrumentalizou o conhecimento, como também teve um papel estruturante do próprio conhecimento” (LUIZ FELIPPE PERRET, 2004)

A interação leitura, pesquisa, tecnologia e escola possibilita ir muito além dos muros da sala de aula e alcançar “O tempo e o vento”. Tornando o sujeito (aluno), o construtor imaginativo, perseguidor investigativo da sua própria Iracema e só assim mergulhar na doçura dos lábios de mel da morena virgem. Dessa forma os primeiros esforços da Física e seu desejo de modificar a noção de espaço e tempo e tornando a imagem como paradigma é o “play” que aciona a viagem literária proporcionada pelas tecnologias, sobretudo a imagem de alunos e professores onde eles quiserem chegar “muito além das serras que ainda azulam no horizonte”

Segundo os PCN’s o estudo da literatura no ensino médio precisa levar o aluno para um contexto social vivenciado fora dos limites escola e dos conhecimentos repassados na escola em qualquer modalidade, isso envolve as práticas de letramento que colabore com a formação de um perfil crítico, capaz de argumentar, opinar, informar, levantar questionamentos.

[..] a expansão da oferta pública que prevê a presença do Estado na consolidação de políticas educacionais no campo da escolarização e da profissionalização. Assume, portanto o ideário da educação como direito e da afirmação de um projeto societário que corrobore uma inclusão social emancipados. (Um Novo Modelo em em Educação Profissional e Tecnológica- Concepção e Diretrizes- p.14)

O viés político e econômico conflitantes que direcionou a EPT ao longo da história é fato, talvez por isso nunca tenha havido um debate profícuo sobre o papel da Literatura nessa modalidade de educação, isso consequentemente levou o ensino da Literatura a assumir um papel meramente figurativo nos Institutos Federais, como é também em outras unidades de ensino no Brasil. Sobre o ensino da Literatura em outras unidades educacionais, (CEREJA, 2004) na Proposta Dialógica de Ensino de Literatura no Ensino Médio (2004) concluiu “ há uma enorme distância entre o que se diz que é feito e o que efetivamente é feito e como é feito”.

Guiar-se por princípios norteadores autônomos é urgente, para que se supere finalmente o pensamento dicotômico “de um ser humano dividido historicamente pela divisão social do trabalho e a ação do pensar” (Brasil, 2007) E isso só será possível, com diálogos constantes com as diversas linguagens e também com a construção de um espaço mais aberto às práticas leitoras, o acolhimento e o incentivo ao leitor imersivo, bem como, a promoção de formação continuada para os docentes que possibilite a esses, uma visão holística de um conhecimento que englobe a visão técnica e propedêutica, superando a visão cartesiana de alguns profissionais, arquiteturas curriculares que tragam propostas que façam do texto literário o seu objeto de estudo com total autonomia dos manuais didáticos e por fim, práticas pedagógicas que habilitem os estudantes às práticas sociais, quer seja para o trabalho ou para vida, cumprindo o que diz as concepções e diretrizes sobre “ Um Novo Modelo em Educação Profissional e Tecnológica: “não resta dúvida de que, a partir de agora, o que se cumpre matiza definitivamente a função social do Institutos Federais” (2010) isso inclui também mais clareza e detalhamentos dos PCN’s e correspondes, no que diz respeito ao ensino da Literatura nos Institutos Federais e o incentivo a leitura para a formação do sujeito



crítico, com liberdade para escolher os caminhos que desejar trilhar no seu percurso formativo.

Referências

COUCHOT, EDMUND. Da representação à simulação: evolução das técnicas e das artes da figuração. In: PARENTE, André (Org.). *Imagem máquina: a era das tecnologias do virtual*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

FURTADO, JOSÉ AFONSO. Livro e leitura no novo ambiente digital. Lisboa: Universidade de Lisboa Departamento de Educação, 2002. Disponível em: . Acesso em: 17 abr. 2012.

SANTAELLA, Lucia .Culturas e Artes do Pós - Humano : da cultura das mídias à cibercultura - 2º Ed. SãoPaulo, 2003.

_____. Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo. São Paulo: Paulus, 2004.

MOLL, Jaqueline. Educação profissional e tecnológica no Brasil Contemporâneo: desafios, tensões e possibilidades. Porto Alegre: Artmed, 2010.

MORAN, José Manuel. Novas tecnologias e o reencantamento do mundo. Revista Tecnologia Educacional. Rio de Janeiro, vol. 23, n2 .126, set. / out. 1995

SANTANA, Camila Lima e Santana . Visibilidade mediada: estratégias e ações docentes no twitter, Salvador 2014.

SERRES, Michel - Polegarzinha, 2013.

SERPA, Luiz Felipe Perret. A imagem como paradigma. Salvador: Edufba, 2004.

Souza, Marlon Antônio Pereira - o Ensino da Literatura e os PCNs .2012

Disponível: <http://www.webartigos.com/artigos/o-ensino-da-literatura-no-ensino-medio-e-os-pcns/95932/>

CEREJA, William Roberto. Ensino de literatura: uma proposta dialógica para o trabalho com literatura. São Paulo: Atual, 2005.

